

O Verdadeiro Ocultismo em *A História Trágica do Doutor Fausto*, de Christopher Marlowe

Fábio Ramos Paz

Michelle Andressa Alvarenga de Sousa

Resumo: O período renascentista, que na Itália teve início em meados do século XIV e se estendeu a outros países ao longo dos anos, foi o momento em que o homem procurou realizar a ruptura da civilização com os valores estritamente teocentristas da Idade Média. Não como a dissolução dos valores da Igreja, mas com a percepção do homem como dotado de importância, o Renascimento provocou diversas mudanças na sociedade não apenas no âmbito religioso, mas também interpessoal. A ascensão da Reforma Protestante e a forma como esta chegou à Inglaterra junto ao humanismo renascentista causou grandes reviravoltas na área não apenas científica, mas humana, de forma geral. A volta dos valores da Antiguidade pode ser vista por diversas perspectivas e como o esotérico também se fez presente no movimento traz a vários estudos literários e antropológicos a indagação de até onde o homem é capaz de ir pelo conhecimento. Obras como *A História Trágica do Doutor Fausto* apenas reforçam a imagem do homem renascentista em busca de um conhecimento que a humanidade não pode ceder.

Palavras chave: Conhecimento. Ocultismo. Renascimento.

Abstract: The period that contemplates Renaissance, which had its start in Italy around the XIV century and got extended to other countries as the years went by, was the moment when man wanted to make a rupture between civilization and the strictly teocentrist values from the Middle Ages. Not acting towards the values of the Church, but showing how man was important, the Renaissance provoked lots of changes in the society not only around the religious scope, but also the interpersonal one. The ascendancy of the Protestant Reformation and the way it arrived at England with the humanism from Renaissance caused huge overturns not only in scientific areas, but also human, in a general way. The throwback of values from the Antiquity can be seen through various perspectives and how esotericism is also present at the movement makes a lot of literary and anthropological studies question what are man's limits regarding the search for knowledge. Works as *The Tragical History of Doctor Faustus* just reinforce the image of the Renaissance man searching for a knowledge that humanity cannot give.

Keywords: Knowledge. Occultism. Renaissance.

INTRODUÇÃO

O período renascentista iniciado na Itália do século XIV causou grandes mudanças culturais e sociais. Com a afirmação do pensamento antropocêntrico não apenas na civilização italiana, mas também nas outras nações influenciadas pelo momento, diversas esferas da humanidade perceberam que práticas alternativas para a procura do conhecimento poderiam ser viáveis, e isso é exposto pela obra *A História Trágica do Doutor Fausto*, de Christopher Marlowe. A obra foi produzida em um

peculiar contexto inglês com interessantes características esotéricas desenvolvidas desde a Antiguidade e praticadas também fora da ficção.

1. O RENASCIMENTO ITALIANO

Não se pode dizer que o Renascimento foi um período de ruptura com os poderes da Igreja Católica, mas o momento em que o homem passou a explorar suas capacidades e os elementos que o rodeavam (SICHEL, 1977). A visão teocentrista, ou seja, focada nos ensinamentos religiosos, deu lugar ao pensamento livre do ser e à exploração de novos conceitos até então “inapropriados” à concepção do século XV. Agora, “a arte vai se voltando mais para a realidade, valorizando o homem e colocando-o como centro ao redor do qual gira o mundo” (CADEMARTORI, 1997, p.17).

Conforme afirma Sichel (1977), o Renascimento pode ser definido de acordo com duas palavras: emancipação e erudição. A sociedade estava em um estado de emancipação no qual suas ações iam contra grande parte do pensamento medieval antes imposto. Grandes navegações, a rejeição a autoridades e o florescimento de uma nova arte são características desse período, enquanto vários foram os eruditos que se levantaram e, literalmente, imaginaram e criaram com o objetivo de espalhar suas obras.

Foi na Itália (séc. XIV) que as primeiras linhas do Renascimento surgiram para depois serem disseminadas. Houve o início do pensamento intitulado “humanista”, no qual, de acordo com Cademartori (1997), há uma nova concepção de homem como capaz de maiores reflexões acerca da natureza e também de si próprio. As ideias medievais dos humanos submissos às imposições religiosas foram questionadas e rejeitadas por aqueles que preferiam a elevação do homem como ser no universo, levando, assim, a religião a posicionar-se em segundo plano. O humanismo não separou a fé da civilização, como defende Védrine (1971), mas as novas ideias, o então recente período de expansão e descobertas da sociedade italiana e suas características antropocêntricas realizaram, na verdade, uma conexão entre vida, religião e cultura.

Ao início do período renascentista, muito do que foi almejado, na verdade, foi a volta da razão e da sociedade “clássica” ao dia-a-dia. A Antiguidade e o modelo que ela ofereceu quanto ao pensamento reflexivo e racional são considerados como

intrínsecos ao Renascimento (BURCKHARDT, 2009), mas não únicas em si. O motivo pelo qual tais ideias se encaixaram à Itália do século XVI seria a forma como o país estava já conectado às vontades antigas. “Não se trata de copiar servilmente os antigos, mas de utilizá-los para inventar um tipo de reflexão que corresponda às novas exigências da vida cívica” (VÉDRINE, 1971, p.25). Poucos foram os que inicialmente acreditaram na aceitação do clássico como passível de ser aproveitado, estando entre o pequeno grupo Leonardo da Vinci e outros grandes representantes do movimento (VÉDRINE, 1971).

No âmbito artístico, as obras renascentistas tiveram grande valor não apenas por suas novas formas e conceitos, mas também pela ideia de originalidade e gênio. Enquanto na Idade Média o tema era valorizado, ou seja, a noção religiosa por trás de cada expressão, no Renascimento a própria arte ganha valor e seus autores também são elevados a níveis de admiração (CADEMARTORI, 1997).

O pensamento renascentista se espalhou nas mais diversas áreas da sociedade italiana. As grandes viagens e todas as outras vertentes de reflexões “físicas” fizeram parte das descobertas talvez “impossíveis” (até impensáveis) se ainda na Idade Média. “O abalo produzido por Copérnico quando revelou a que Terra não era o centro do universo, mas apenas um dos muitos que giravam em torno do Sol, foi talvez o maior golpe que o intelecto desferiu contra a Ortodoxia” (SICHEL, 1977, p.11).

Já na literatura, foi enorme a forma como as novas interpretações do homem e do que o circunda se tornaram evidentes. Dante Alighieri (1265-1321) foi senão o maior autor renascentista não apenas da Itália, mas de todo o contexto do movimento. Ao escrever *A Divina Comédia*, o autor realizou a separação entre Paraíso, Inferno e Purgatório através das interpretações do homem renascentista (BURCKHARDT, 2009). Algo importante a ser considerado de Dante Alighieri é que, mesmo sem a *Comédia*, ele já seria considerado um ponto de ruptura entre a Idade Média e o Renascimento por seus poemas escritos anteriormente, mas a obra citada conseguiu alcançar maiores proporções por características únicas, além das ideias próprias do autor:

[...] Dante é o primeiro artista, no pleno sentido da palavra, porque, conscientemente, deu forma imortal a um conteúdo igualmente imortal [...] a *Comédia* tornou-se há muito tempo alimento cotidiano de todos os povos ocidentais. Seu plano e idéia central pertencem à Idade Média, e nos dizem respeito apenas do ponto de vista histórico. Essencialmente, porém, o poema é o princípio de toda a poesia

moderna, em razão de sua riqueza e elevada plasticidade na descrição da natureza humana em todos os seus níveis e variações (BURCKHARDT, 2009, p.287).

Então, Dante é um exemplo real da figura do homem renascentista não apenas a partir de suas palavras, mas também por estar junto às percepções de gênio e artista proprietário de sua arte, ao contrário do que havia na Idade Média, como diz Cademartori (1997), já que o artista, até então, era apenas um instrumento das obras de Deus, sem as noções de originalidade e propriedade intelectual. A ruptura com a cultura da Igreja mudou estas concepções e proporcionou a pessoas como Dante o reconhecimento hoje instituído.

No Renascimento, a literatura contribuiu não apenas para a reflexão do ser e do que a ele está relacionado, mas também para o âmbito linguístico das obras. A partir do momento em que um amplo vocabulário proporciona uma grande gama de ideias a serem disseminadas e discutidas, o reconhecimento de novos vocábulos que surgiram (inicialmente) na Itália renascentista é imprescindível. Como observado por Sichel (1977, p.10), “a literatura é, antes de tudo, uma influência suavizante e civilizadora; inintencionalmente, porém, tem outro poder, não mais profundo, mas de alcance mais longo – a faculdade de propagar palavras e ampliar os horizontes”.

2. A REFORMA PROTESTANTE ALEMÃ

Enquanto na Itália do século XVI já estavam, há muito tempo, correndo ideias humanistas e a defesa da Antiguidade como meio de alcançar a reflexão que o país precisava, estava iniciando na Alemanha o movimento conhecido como Reforma (Protestante), liderado por Martinho Lutero (1483-1546). Lutero não era adepto ao pensamento da Igreja Católica quando se colocava em discussão as indulgências pagas pelos fiéis e a intermediação da palavra de Deus por um representante que não a própria Bíblia (VÉDRINE, 1971). Lutero não pregava a dissolução do Cristianismo, mas sim o fim de práticas até então impostas aos cristãos e a liberdade desses aos preceitos do clero.

Erasmus de Roterdã (1466-1536), em contrapartida a Lutero, defendia as noções humanistas em várias áreas, mas tornou-se bastante reconhecido por seu trabalho em *Livre Arbítrio*, onde defende a Antiguidade nas concepções religiosas e exalta, de certa

forma, o livre-arbítrio que o homem possui (NASCIMENTO, 2006). O apreço pelos valores antigos ficou evidente no autor, e como afirma Alexandre Frasato Barros (2008, p.253), Erasmo “defendia sim uma Reforma, mas no interior do catolicismo, aproximando os homens, vivendo como uma comunidade, defendendo um retorno aos princípios e às práticas do cristianismo primitivo”. Com isso, a discussão entre Roterdã e Lutero se perpetua, já que em 1525, um ano após a publicação de *Livre Arbítrio* (1524), *Servo Arbítrio* é lançado e, através deste texto, Lutero expôs como as suas convicções cristãs eram importantes à sociedade Alemã do século XVI e como o livre-arbítrio e outros “humanismos” iam contra o que é encontrado na Bíblia (NASCIMENTO, 2006).

Interessante ressaltar que a Reforma Protestante não se limitou ao âmbito religioso e muito menos foi prevista como algo que alcançaria tamanha proporção, já que, como afirma Védrine (1971, p.48), “quando Lutero afixou as suas teses [...] não sabia sem dúvida que a história ia tomar um rumo novo. Com a Reforma, não se trata já de cultura, mas numa transformação radical da fé e numa reestruturação da sociedade”. Assim, a Reforma vai além de discussões religiosas e atinge outras partes da civilização.

3. O OCULTISMO RENASCENTISTA

O Renascimento não foi apenas um momento para que novas noções do Deus cristão fossem formuladas, mas também útil às definições do paganismo e ocultismo.

Antes, é necessário expor, como faz Burckhardt (2009), que o paganismo já se encontrava até mesmo na Igreja Católica antes do período renascentista. Os rituais que envolviam o culto aos santos e seus restos mortais, relíquias sagradas e também a adoração à mãe de Jesus Cristo eram formas de desviar os fiéis dos “verdadeiros” ensinamentos cristãos não-pagãos. Então, o paganismo já se encontrava no catolicismo antes mesmo da explosão antropocêntrica.

Na Itália, a astrologia e as superstições que envolviam o zodíaco para a consulta de elementos da natureza já estavam enraizadas na sociedade desde a Idade Média, e isso não foi esquecido conforme a Renascença retomava os valores da Antiguidade e os adaptava a Modernidade. A fantasia (BURCKHARDT, 2009) era capaz de “apaziguar” muito da civilização italiana. Até mesmo a Igreja se utilizava dos astros para a

elaboração de planos e certezas, com exceção das partes às quais o homem não deveria consultar, de acordo com Pio II, que seriam os sonhos, os prodígios e a magia.

Ao longo dos séculos, as pessoas se dedicaram ao estudo e crença do esotérico, levando em consideração sua simbologia e ritos. O ser humano busca resolver mistérios que, por não terem respostas concretas, provocam o devaneio do homem e fazem esse reconhecer sua falta de inteligência (RIFFARD, 1996). Então, todo o conhecimento oculto do mundo é indagado e são as formas esotéricas que muitas vezes propõem o caminho às soluções. Tais ideias e práticas foram adaptadas ao Renascimento, sendo que “o esoterismo renascentista vê o mundo como um macrocosmo, funcionando por antipatias e simpatias, repleto de poderes ocultos” (RIFFARD, 1996, p.90).

Com o culto ao que muitos chamam de “oculto”, vêm definições e ideias próprias de época que por muitos são resumidas a um único termo: imaginação. No Renascimento, “considera-se a imaginação como uma força mágica” (RIFFARD, 1996, p.579).

No século XVI, reina a imaginação. Não como idéia louca, mas como atividade nobre pela qual uma alma forte submete ao seu poder os fracos e se torna senhora deles. Donde todas essas histórias de feitiços, de mau-olhado, de bruxas. Imaginar é magnetizar, enviar forças vivas para o interior do espírito de outrém (VÉDRINE, 1971, p.70).

Então, a crença no fantástico não foi apagada da civilização renascentista, e também continuou a vigorar as histórias da presença de demônios e fantasmas na sociedade italiana dos séculos XV e XVI, algo que influenciou a Renascença e a Itália, com as noções de demônios exercendo poder sobre as discussões da civilização, como observa Burckhardt:

As pessoas estavam convencidas de que Deus concedia, por vezes, a maus espíritos de toda sorte um grande poder destruidor sobre determinadas parcelas do mundo e da vida humana; a única restrição a esse poder consistia no fato de que o homem, tentado pelo demônio, podia ao menos fazer uso de seu livre-arbítrio para resistir à tentação (2009, p.464).

4. O CONTEXTO RENASCENTISTA INGLÊS

É importante realizar aqui a contextualização da Inglaterra renascentista para a análise de uma obra escrita para o teatro elisabetano do século XVI. Em território inglês, o Renascimento teve seu início entre os reinos de Henrique VII e Henrique VIII. O pensamento humanista foi a característica renascentista que primeiro se firmou na Inglaterra, ao contrário da arquitetura e das artes plásticas, como na Itália (GREENBLAT; LOGAN, 2006, p. 488). Com isso, a educação do país e suas discussões passaram a ter novos focos de interpretação que não o medieval.

Já a Reforma Protestante chegou à Inglaterra após questões políticas do reino de Henrique VIII. Como expõem Greenblat e Logan (2006, p.491-492), pela impossibilidade de ter um filho homem junto a Catarina de Aragão, Henrique VIII pediu à Igreja a anulação de seu casamento para unir-se a Anne Boleyn e gerar seu herdeiro. Graças aos preceitos do catolicismo, a recusa do pedido foi inevitável. Com isso, o reino inglês rompeu com a Igreja Católica e adotou o protestantismo, esse que demorou anos para realmente ser consolidado na Inglaterra. Com a morte de Henrique VIII (1547), houve a ascensão de seu filho Eduardo ao poder, mas a morte deste (1553) deu início ao reinado de Mary. Católica e filha de Henrique com Catherine, a nova rainha estabeleceu novamente o catolicismo ao país, mas sucumbiu à morte em 1558, sem herdeiros, “cedendo” a coroa a Elizabeth I, fruto do casamento de Henrique com Anne e fiel ao protestantismo já defendido por seu pai.

Foi na Inglaterra renascentista do século XVI que Christopher Marlowe escreveu *A História Trágica do Doutor Fausto*. Na obra, a magia oculta torna-se evidente, com características de ritos repugnantes a muitos que valorizavam a magia da verdadeira sabedoria, noções essas que serão analisadas a seguir.

4.1 O OCULTO EM *A HISTÓRIA TRÁGICA DO DOUTOR FAUSTO*, DE CHRISTOPHER MARLOWE

Christopher Marlowe (1564-1593), ao escrever *A História Trágica do Doutor Fausto* (1588/1592), fez uma adaptação para o teatro inglês (VILLA, 2006) da já conhecida história alemã *Historia von Dr. Johann Faustus* do século XVI. O enredo das duas histórias se mantém semelhantes: Um médico procura por conhecimentos fora de seu alcance racional através de medidas ocultas. Assim, com a invocação de um

demônio e a promessa de dar sua alma após vinte e quatro anos de conhecimento humanamente inalcançável, o homem ao longo do tempo sofre as consequências de tal ato.

O que Doutor Fausto utiliza para invocar o demônio Mefistófoles é chamado de “goeteia”, magia realizada para o culto da maldade (MIRANDOLA, 1996, p.599). Riffard (1996), expõe a forma como a goeteia se opõe a “magheia”, sendo a última a magia que procura a sabedoria pelo divino, o natural, o bem. O que Fausto provoca também é citado por Villa (2006) que descreve o ritual do personagem na cena III como forma de goécia:

Fausto desenha o círculo de proteção com a representação dos astros e dos signos zodiacais; escreve anagramas do nome de Jeová; utiliza fórmulas que parodiam os usos da missa sagrada e em latim; conhece os nomes dos demônios e os utiliza na invocação. No século XVI o uso tão preciso desse temido ritual não poderia senão causar penetrante horror (2006, p.14).

Na sociedade renascentista, o culto a demônios era totalmente exterminado não apenas pelo Cristianismo, mas também pelas outras áreas da magia. Mirandola (1996) diz que nenhum filósofo “sério” se dedicou aos estudos da goeteia, essa considerada “alta” na hierarquia do ocultismo e também “falsa” pelo culto aos maus espíritos. O que Fausto fez ao selar o acordo com Mefistófoles e Lúcifer foi tornar-se voluntariamente submisso do oculto. “[...] a falsa magia torna o homem escravo e o consagra aos poderes malévolos” (MIRANDOLA, 1996, p.600). Além disso, a expectativa que Fausto possuía de ser salvo por Deus ao longo da tragédia de Marlowe pode ser vista como completamente inútil (até mesmo por não ter atendido à sua vontade), já que os estudos da magia mostram que a goeteia, “entregando o homem aos inimigos de Deus, afasta-o de Deus” (MIRANDOLA, 1957, p.600).

Ao querer adquirir o conhecimento das mais diversas áreas do saber, Fausto inclui-se em um grupo citado por Villa (2006) e insere-se nas características do homem renascentista:

[...] o Fausto marloviano seria, então, uma mistura daquele Fausto prototípico com as lendas sobre figuras históricas [...] de modo que à difusa figura do doutor medieval se reúnem não só aquelas prerrogativas antigas do temível conjurador de demônios, mas também a crescente indisposição pública com o humanista da Renascença, que dominava vários campos do saber, tanto técnicos e práticos como metafísicos e ideais (2006, p.19).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Renascimento italiano foi um período de grandes descobertas para o homem não apenas em relação a natureza, a arte e ao próprio ser, mas também ao que dizia respeito às forças ocultas até então repudiadas por aqueles que se atinham a valores cristãos já enraizados na Idade Média.

A Reforma Protestante iniciada na Alemanha e a forma como ela chegou a Inglaterra junto com o humanismo renascentista fez com que a sociedade de Henrique VIII passasse por situações escandalosas, mas que ao longo dos anos proporcionassem grande capacidade crítica ao misturar católicos, protestantes e até mesmo esotéricos em um mesmo espaço.

Em *A História Trágica do Doutor Fausto*, Christopher Marlowe transcende as barreiras da tradição e retrata o homem renascentista na imagem de alguém com predileção ao oculto, já que a razão humana não era (ou é) capaz de proporcionar o conhecimento necessário para a completa compreensão do universo.

A prática da magia, seja ela maghea ou goeteia, foi procurada por muitos na Itália e na Inglaterra renascentistas, mas também repudiada pelos mais céticos. *Doutor Fausto* é a representação de um ser na passagem do conhecimento medieval para o da Renascença em um contexto peculiar da civilização inglesa, e hoje é tomado como uma das maiores tragédias do teatro elisabetano, dotado de práticas ocultas aplicadas por muitos na vida cotidiana.

Referências

BURCKHARDT, Jacob. **A Cultura do Renascimento na Itália: Um Ensaio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CADEMARTORI, Lúcia. **Períodos Literários**. São Paulo: Editora Ática, 1997.

GREENBLATT, Stephen; Logan, George M. **The Sixteenth Century**. In: GREENBLATT, Stephen; ABRAMS, Meyer Howard. *The Norton Anthology of English Literature*. Ninth Edition, vol. 1. WW Norton & Company: London, 2006.

MARLOWE, Christopher. **A História Trágica do Doutor Fausto**. São Paulo: Hedra, 2006.

MIRANDOLA, Giovanni Pico della. **De la Dignité de L'homme**. In: RIFFARD, Pierre A. O Esoterismo. São Paulo: Mandarim, 1996.

NASCIMENTO, Sidnei Francisco do. **Erasmus e Lutero: O Livre Arbítrio da Vontade Humana**. Recuperado em 22 de maio, 2016, de <http://www2.pucpr.br/reol/index.php/rf?dd99=pdf&dd1=479>.

RIFFARD, Pierre A. **O Esoterismo**. São Paulo: Mandarim, 1996.

SICHEL, Edith. **O Renascimento**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

VÉDRINE, Hélène. **As Filosofias do Renascimento**. Porto: Publicações Europa-América, 1971.

VILLA, Dirceu. **A Trágica História de Vida e Morte do Doutor Fausto**. Prefácio. São Paulo: Hedra, 2006.

Fábio Ramos Paz Licenciado em Letras Inglês pela Universidade Católica de Brasília e recém aprovado no mestrado em Teoria Literária pela Universidade de Brasília.

Michelle Andressa Alvarenga de Souza Professora de Literaturas de Língua Inglesa e de Literatura Brasileira na Universidade Católica de Brasília. Mestre pela Universidade de Turim (2012) e graduação em Letras - Inglês pela Universidade de Brasília (2010).